

O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E OS ATUAIS “FUNDAMENTOS” NUMA PERSPECTIVA GLOBAL

THE RELIGIOUS FUNDAMENTALISM AND THE PRESENT “FUNDAMENTALS”
IN A GLOBAL PERSPECTIVE

Celso Kallarrari¹
(Universidade Estadual da Bahia (Uneb))

¹ Onomástico religioso de Sécio de Souza Silva, professor da Fasb e Uneb, licenciado em Letras, bacharel em Teologia e Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

E-mail: celsokallarrari@terra.com.br

Resumo: Este artigo pretende, à luz histórica do fundamentalismo protestante norte-americano, situar os atuais fundamentos numa perspectiva global, a partir da hipótese de que o fundamentalismo é uma reação violenta contra determinadas condições do presente. Para tanto, buscar-se-á conceituar o fundamentalismo, bem como traçar, de forma sintetizada, alguns aspectos históricos do fundamentalismo protestante, a fim de, ao compreendermos sua origem e evolução, poder diagnosticar as possíveis influências dos seus elementos comuns nos tempos modernos.

Palavras-chave: fundamentalismo protestante, fundamentos, perspectiva global, etc.

Abstract: This article intends, for the historical light of the American Protestant fundamentalism, to situate the actual fundamentals in a global perspective, from the hypothesis that fundamentalism is a violent reaction against certain conditions of the present. For this purpose, will seek to conceptualize fundamentalism, as well as developing, synthesized, some historical aspects of Protestant fundamentalism, in order, to understand its origin and evolution, can diagnose possible influences of his common elements in modern times.

Key-words: Protestant fundamentalism, foundations, global perspective, etc..

Considerações iniciais

Nesta exposição, pretendemos fazer um retorno às origens, conceito e aspectos históricos do fundamentalismo protestante, modalidade do protestantismo norte-americano, a fim de compreender historicamente para ser possível compreender seus elementos comuns nos atuais contextos. O fundamentalismo não pode, pois, ser tendenciosamente tratado como fanatismo e sectarismo, mas - com base numa análise crítica do fenómeno que poderá nos situar nas discussões acerca do fundamentalismo -, como um movimento de reação à globalização. Aliás, o fundamentalismo se apresenta, na atualidade, sob múltiplas faces, envolvendo certo descontentamento de grupos de pessoas, a partir dos seus problemas locais e universais.

A partir desses pressupostos, qual a relação entre o fundamentalismo protestante e os fundamentalismos atuais? Na atualidade, é possível, pois, afirmar que as pessoas estão em busca por fundamentos/fundamentalismo? Como eles se apresentam?

Definições

Torna-se, a princípio, necessário, conceituar o termo protestantismo como movimento religioso do século XVI, surgido na Alemanha, liderado por Martinho Lutero, cuja proposta era promover mudanças religiosas, doutrinárias e estruturais da Igreja. O protesto de Lutero, baseado nas

95 teses, procurava evidenciar irregularidades que, à época, corrompiam a organização da Igreja. Nesse sentido, seu protesto configurava muito mais em um movimento de declaração de fé nos princípios bíblicos que em um movimento de “reformas” e mudanças religiosas, conforme se organizou, tornando-se, mais tarde, em um movimento de reação às influências do catolicismo romano.

O fundamentalismo, apesar de apresentar certa ambigüidade, abrange outras definições, a exemplo dos termos conservadorismo, sectarismo, fanatismo, movimento reacionário, contra o mundo moderno e a ciência, fundamentalismo do mercado, da política, etc, é um fenômeno típico das religiões monoteístas: cristianismo, judaísmo e islamismo em sua fase atual.

O termo “provém de uma série de folhetos publicados, entre 1910 a 1915, cujo conteúdo exalta os princípios de fé do movimento, intitulado “The Fundamentals: A testimony to the truth” (GALINDO, 1994, p. 168). O documento propõe, pois:

1. A inefabilidade das Escrituras; 2. O nascimento virginal de Cristo; 3. A remissão dos pecados por meio do sacrifício de Cristo; 4. A ressurreição dos mortos; 5. Reafirmação dos milagres de Cristo; 6. A salvação unicamente pela fé e o novo nascimento; 7. A queda do homem e o pecado original; 8. O retorno pré-milenar de Cristo; 9. O juízo final (ACAT, 2001, p. 34).

A definição de fundamentalismo está estritamente ligada aos “fundamentos” e, por isso, são correlatos. Fundamentalismo é, portanto, um movimento que objetiva resgatar valores e princípios fundamentais da religião e, intencionalmente, busca resistir às inovações do grupo religioso maior ao divergir em seus princípios fundamentais e adotar princípios alternativos hostis ou contraditórios à identidade original.

Nesse sentido, o fundamentalismo objetiva voltar ao que é considerado princípios fundamentais (ou vigentes na fundação) da religião. Especificamente, refere-se a qualquer enclave religioso que, intencionalmente, resista a identificação com o grupo religioso maior do qual diverge quanto aos princípios fundamentais, considerados, muitas vezes, corrompidos, hostis ou contraditórios à identidade original. Desse modo, forma-se uma identidade separada busca resgatar “valores”, “princípios” ou “fundamentos” que acredita ter-se perdido por negligência, possibilitando a divergência e, conseqüentemente, a separação, muitas vezes, hostil e conflituosa.

Esse documento procurou, de acordo com Velasques (1995) “expor e sintetizar a teologia conservadora existente” (p. 122) e caracterizar o po-

sição às ideias liberais e resgatar a identidade dos protestantes. Os “Fundamentos”, princípios essenciais do fundamentalismo religioso, apresenta-se em pequenos fascículos escritos no propósito de combater, de forma acirrada, os perigos do modernismo teológico.

Aspectos históricos

O surgimento do movimento fundamentalista protestante aparece no decorrer do século XIX. Nesse período, cresce o sentimento nacionalista americano de conduzir o mundo a uma era de felicidade e fartura. A Revolução Industrial desencadeou o desenvolvimento para as nações europeias e, posteriormente, para os Estados Unidos, proporcionando riquezas e comodidade a estas sociedades. A América passa, portanto, a ser modelo para países como Ásia, África e América Latina, fazendo com que estas populações busquem assimilar, não só a língua, mas os costumes e cultura americana. Daí vem o pensamento de fazer cristãs as demais populações.

Havia, entretanto, uma distinção e grande conflito entre as duas correntes teológicas do protestantismo norte-americano: conservadores e liberais. Esta última, segundo Schweitzer (ACAT, 2001, p. 32), começa a sobressair porque procurava se identificar (diferentemente da primeira) com a modernidade.

De acordo com Volf (1992), o projeto liberal teológico dos liberais procurava “refundir a totalidade da fé cristã, buscando dentro das expressões de fé do cristianismo primitivo, os princípios trans-históricos da religião que contém a essência do cristianismo” (p. 128). Por essa razão, era mais natural que os teólogos liberais assumissem uma postura de engrandecimento quanto à modernidade, uma vez que a vida modificou-se e a ciência preconizava um novo estilo de vida.

Em contrapartida, os conservadores não queriam mudanças, pois achavam que isto provocaria secularização na religiosidade cristã. Todavia, a filosofia do senso comum não conseguia se sustentar diante dos métodos empíricos que se afirmavam. Coube, de modo especial, ao protestantismo americano responder aos ideais liberais que se inseria no mundo cristão.

Diversas denominações evangélicas uniram-se para combater o liberalismo teológico e defender os princípios doutrinários de inspiração total da Bíblia, sua autoridade e inerrância absoluta da letra, enquanto os liberais utilizavam os métodos empíricos da alta crítica e não concorda-

vam com a maneira com que os conservadores interpretavam determinados textos.

Além dessas controvérsias entre essas duas facções, havia, no campo político, as ideias comunistas e seu sistema, isto é, a teoria evolucionista de Darwin e a própria modernidade que estava se firmando que deveriam, segundo os conservadores, ser combatidas, pois esses conceitos estavam descaracterizando a vida de santidade dos crentes e diminuindo a influência da igreja na vida das pessoas.

Segundo Velasques Filho (1990), os princípios doutrinários do “*The Fundamentals: A testimony to the truth*” seguidos pela maioria dos protestantes faziam com que fossem “considerados verdadeiros baluartes, exemplos a serem seguidos (p. 123). Apesar da decadência da religiosidade, todos deveriam defender as ideias de infabilidade e indissolubilidade das escrituras. Dessa forma, quem aceitasse estes fundamentos seriam verdadeiros cristãos e, por isso, estava preservando a sã doutrina. Esta situação permitiu identificar o movimento fundamentalista.

A fundação da *Worlds Cristian Fundamental Association* (WCFA), na Filadélfia, foi, certamente, a forma mais organizada e racionalizada para o enfrentamento contra os liberais, a fim de “preservar os fundamentos da fé e lutar contra o Anticristo” (ARMSTRONG, 2001, p. 202), uma vez que muitos protestantes havia aliados a ciência moderna. Este fato resultou na expulsão de muitos liberais infiltrados na igreja.

Outra controvérsia entre os protestantes fundamentalistas e os liberais foi a luta contra o comunismo que, segundo a sua interpretação, poderiam ameaçar os americanos com suas ideias “diabólicas”. O medo era de que este inimigo já estivesse presente na sociedade americana combatendo os ideais da nação cristã. De acordo com Galindo (1994),

O liberalismo e o socialismo eram cúmplices, porque eram sistemas que davam ênfase às soluções coletivas do que às individuais. Quando uma sociedade se rende ao liberalismo, termina irremediavelmente mau porque é ateísta e materialista, somente os conservadores são leiais à Cristo (p. 179).

Mais tarde, em reação aos efeitos da modernidade, os fundamentalistas se reestruturaram, por meio da criação de universidades e colégios e meios de comunicação. De acordo com Armstrong (2001, p. 245), as disciplinas dos centros educacionais fundamentalistas buscavam dar uma base sólida para enfrentar àqueles que se opunham as suas ideias. Era preciso, pois, recuperar o sentimento da América como única nação verdadeiramente cristã no mundo. Por isso, os fundamentalistas, a partir de uma

militância mais organizada lutam contra as ameaças modernas, isto é, a secularização das instituições e as teologias liberais.

Daí em diante, as divisões entre os fundamentalistas se intensificam, enquanto outros conservadores preferem o termo “evangélicos”. “O fundamentalismo constará de duas correntes: uma separatista/radical conhecida como ultrafundamentalismo ou fundamentalismo de extrema direita, a outra, moderada conciliadora, chamada de evangélicos (GALINDO, 1994, p. 174).

Em 1948, os fundamentalistas criaram o Conselho Internacional das Igrejas Cristãs (CIIC), cujo objetivo era dar aceitação mundial às ideias fundamentalistas, fazendo oposição ao Conselho Mundial das Igrejas. Nos dias atuais, os fundamentalistas, segundo Galindo (1994) continuam a fazer “campanha contra o evolucionismo, o comunismo e o humanismo para promover a civilização cristã” (p. 176).

Em 1870, aconteceu a exclamação “Voltar aos Fundamentos da fé” como um movimento de reação contra aquele contexto sócio-cultural, marcado exclusivamente pelo liberalismo, pelas lutas sociais e trabalhistas, pelo Darwinismo e Teoria da evolução e pelos avanços das ciências modernas. Os cinco elementos fundamentais do Fundamentalismo protestante, elencados abaixo, continuam influenciando o movimento até hoje:

- a) a inspiração divina da Bíblia e sua inerrância;
- b) o nascimento virginal de Jesus como obra de Deus;
- c) o sacrifício expiatório de Jesus pelos pecados dos homens;
- d) a ressurreição de Jesus em corpo e alma como fato histórico;
- e) a segunda vinda de Cristo na sua realidade corpórea.

A partir de uma visão mais panorâmica acerca dos fundamentos na atualidade, buscaremos, agora, perceber os fundamentos numa perspectiva global, cujas influências deram-se com o fundamentalismo protestante norte-americano.

Os fundamentos numa perspectiva global

Percebe-se que, contrariamente ao pensamento inicial de Lechner (1998, p. 95), qual seja, “os fundamentalistas não estão em busca de fundamentos”, uma vez que eles já encontraram a verdade, a afirmação de Roland Robertson (1998, p. 239) é de que “as pessoas estão em busca por fundamentos”. Esta assertiva está no centro da ciência social contemporânea. Não se trata apenas de procurar amparar essa afirmação com argumentos, mas questionar a importância significativa desse tema, na atualidade. Na

visão de Lechner (1998, p. 95), o que os fundamentalistas procuram é solidificar a sociedade dentro de uma verdade, pois a sociedade mudou o rumo desse caminho da verdade e enfraqueceu a tradição sagrada, isto é, ofereceu deuses falsos, “pôs em questão o valor dos fundamentos”.

O que os fundamentalistas querem, para os tempos modernos, é re-estabelecer o espiritual e a política porque, dessa forma, as pessoas poderiam viver suas vidas com mais sentido. Seguindo esse pensamento, as instituições serviriam novamente um propósito de moral definitiva. A política se tornaria um meio prático para os princípios sagrados. Em sendo assim, seria concedidos àqueles que vivem uma fé verdadeira, uma total integração na sociedade (LECHNER, 1998).

Nesse sentido, para Lechner (1998, p. 95-6), a busca fundamentalista não é tanto um esforço para encontrar significados, onde não há nenhum, mas, sobretudo, uma tentativa coletiva de trazer certos fundamentos ou princípios sagrados fundamentais para dar sustentação à sociedade como um todo. Para alguns protestantes americanos isso significa, acima de tudo, fazer dos Estados Unidos um país cristão novamente. Para os ativistas islâmicos, significa tomar seriamente o “dever negligenciado” em engajarem no *Jihad* e estabelecer um estado Islâmico. Procura-se uma perspectiva genuinamente global que nos leva a focar no discurso e na base institucional, com interesse no aspecto global-local como se um lado da moeda fosse o oposto do outro.

Na visão de Robertson (1998, p. 242), a busca pelo fundamentalismo pode ser vista em várias partes do mundo, e pode ser considerada um fenômeno moderno ou pós-moderno. Na verdade, um dos pontos-chaves na discussão dos fundamentos tem a ver com uma forma analítica de escolha no mundo contemporâneo. Há, na verdade, segundo o autor, uma preocupação com a prática atual da sociologia, antropologia, história, filosofia, estudos culturais e de comunicação em vários graus. Essas disciplinas experimentaram uma antifundição que envolve essencialmente os “outros”.

Segundo Robertson (1998, p. 243), alguns autores estão preocupados com a verificação das formas pelas quais o fundamentalismo religioso nas sociedades não-ocidentais fora interpretado. Dessa forma, lidar com a questão da busca por fundamentos, envolve e requer penetrar na base geral desse processo. Realmente, o processo de *indiginização* é um produto da modernidade e, particularmente, da globalidade que vai além do próprio islamismo.

É notório que, entre 1890-1920, houve um período de enfraquecimento da sociologia clássica, pela sua falta de atenção direta nos relacionamentos e encontros entre civilizações e sociedades e, por conta disso, algumas interpretações da realidade social de alguns países apresentavam imagens distorcidas das sociedades.

É por conta dessas interpretações que há uma caracterização, no oeste e leste japonês e de outras sociedades asiáticas, como sendo mais espirituais, tradicionais e menos materialista e racional, uma vez que para o ocidente, a tradição e identidade eram, na maior parte da sociedade asiática, estranha. Na china, por exemplo, a ideia de tradição só tornou parte do seu discurso na metade do século XIX.

Nesse período, o termo fundamentalismo foi pouco usado fora pelos Estados Unidos; e usado, mais recentemente, no final dos anos 70, com a Revolução iraniana (1978-79) e com a revitalização do fundamentalismo protestante americano. Daí por diante, tendenciosamente, no início dos anos 80, começou a se falar de fundamentalismo global. Nessa época, os movimentos que foram adotados trouxeram, pelo menos, alguns dos diagnósticos que acompanhou o aumento da noção de fundamentalismo, principalmente que ele é alimentado pelas orientações religiosas ou espirituais.

Ao falar sobre fundamentalismo protestante americano, Robertson (1998, p. 240) cita Lechner que argumenta que, atualmente, onde as características cultural e institucional não estão presentes, o descontentamento com a modernidade é mais sentida e, por essa razão, grupos fundamentalistas são mais propensos a aparecerem. Robertson (1998) aponta para o fato de que “quando adicionamos globalidade à modernidade, vê-se que fundamentalismo é um produto da globalização, embora seja ostensivamente antiglobal, adquire características globais” (p. 240). De sorte que, segundo o autor, seria um erro pensar na modernidade em termos euro-americanos, em origem e homogeneidade. Sempre há, como houve, na história humana, várias trajetórias de modernidade.

Segundo Octavio Paz (*apud* Robertson, 1998, p. 247), todas as culturas estão condenadas à modernidade. E Tomilson (*Ibidem*), argumenta, ainda, que a humanidade encontra-se fadada à liberdade. Para ele, todas as culturas estão integradas a níveis estruturais, na ordem nação-estado e mercado capitalista e, por isso, propensos à modernidade. Todavia, como envolve agentes humanos, nessa jornada, surgem novos significados e outras possibilidades. Daí, a modernidade global ou globalizada força as elites a fazerem escolhas culturais.

Uma das mais interessantes características na atual busca por fundamentos pode ser ilustrada através das formas que os movimentos mundialmente tendem à “indiginização” e tem sido globalmente organizados por entidades internacionais ou por alianças nacionais. Em termos de exemplificação, há um forte movimento contemporâneo que promove os direitos dos “nativos”. Outro importante fator é que o destino do potencial movimento fundamentalista depende de existir instituições para canalizar ou desviar seus principais interesses. Nos Estados Unidos, a influência do fundamentalismo, em grande escala, tem sido bem limitada. No máximo, ajudou a reformar a agenda da política pública e as tomadas de decisões legais aos assuntos sociais, onde, por exemplo, exerceram influência mensurável no movimento antiaborto. Para tanto, foi preciso contar com suporte de um grande número de constituintes.

De acordo com Robertson (1998), as razões para essa limitada influência são claras: em uma sociedade pluralista, onde as instituições diferenciadas são, seguramente, institucionalizadas, qualquer programa fundamentalista deve envolver coalizão, alianças para ser bem sucedido, devem jogar sob regras civis e legitimar seus atos em termos de princípios modernista. Se por um lado, quanto mais fundamentalistas se tornam, mais seus fundamentos vão por água abaixo. Por outro, sua influência é mais significativa do que muita gente percebe, pois muitos grupos, mesmo sem conseguir seus objetivos, confirmam suas forças inerentes à ordem liberal.

A natureza paradoxal do fundamentalismo tem interesse de restaurar a tradição para seu lugar próprio e, por isso, advoga mudanças radicais. Com base na inquestionável verdade superior, os grupos fundamentalistas questionam qual verdade a sociedade tem a oferecer. Além dos contextos diversos e das condições locais, o fundamentalismo tem que encarar o sistema global que o limita severamente suas oportunidades. Atualmente, esses grupos lidam não só com regimes injustos, sociedades imorais, pessoas virando cinzas, mas também tem que lidar com a política mundial que começou a institucionalizar muitas regras e expectativas, a economia e uma emergente cultura mundial.

O mundo muçulmano ainda provê de um único solo fértil para um movimento mais globalmente efetivo com sua combinação entre religião e ressentimento histórico. Mas até mesmo em lugares onde conseguiram movimentos efetivos (Argélia, Egito) são ganhos temporários, limitados pela vida curta dos regimes.

Em contrapartida, os fundamentalistas desencantados podem terminar procurando nichos em comunidades neo-ortodoxas, às quais, antagonicamente, a sociedade americana tem provado ser hospitaleira. Podem também, através de movimentos radicais, deixarem suas sementes. Esse modelo empírico do fundamentalismo acaba fortalecendo a modernidade liberal. Por outro lado, isso não quer dizer que o sistema mundial satisfaz padrões liberais. Em suma, a existência do fundamentalismo mostra o descontentamento de grupos de pessoas que, a partir de seus problemas locais, evidencia problemas universais, seus pontos de vista contrários fazem do globo um lugar mais plural. Segundo o autor, o fundamentalismo é um ponto de partida para uma guerra cultural global.

Em outras palavras, a teoria da globalização partiu das generalizações empíricas referentes ao rápido aumento da compreensão do mundo como um todo, a partir do campo conceitual das ideias que devem ser mapeada por meio de pressupostos sociais. Qualquer estudo sob a compreensão tempo-espaço leva, necessariamente, as sociedades a aceitar e declarar suas identidades. De fato, torna-se preciso focalizar o fundamentalismo como um movimento de reação, ao invés de, simplesmente, vê-lo como um aspecto da globalização cujo caminho tornou-se relativamente singular; teoricamente uma entidade. O jargão “pense globalmente, atue localmente” é de grande interesse sociológico, uma vez que ele tenta fazer uma ligação entre o local e o global.

Dessa forma, os problemas locais podem ser tratados somente pelo reconhecimento da sua importância em um contexto mais amplo. Entretanto, essa maneira de pensar acaba sendo perigosa porque corre o risco de enxergar o mundo como um todo, excluindo o local. Por outro lado, se supomos uma possível unidade do mundo, como pode as localidades não fazer parte dele? Observemos os problemas atuais do multiculturalismo poliétnico (ROBERTSON, 1998), as diferenças de sexo que desencadeiam a procura por fundamentos e que provocam o aumento da globalidade para o centro de muitas sociedades, a exemplo das entidades regionais como a união europeia que cada vez mais se tornam espaços mundiais (1998, p. 253). Na verdade, a globalização envolve a simultaneidade do universal e do particular. Por essa razão, uma das mais crescentes áreas de especialização acadêmica, dentro da antropologia, psicologia, linguística, educação e negócios internacionais, é a comunicação intercultural vista como um processo de compreensão espaço-tempo global. Superior a comunicação intercultural é o turismo atual, campo mais notáveis para a produção

contemporânea da cultura local e da diferença da produção universal. Ele, também, está à procura de autenticidade, procurando destacar um grande número de lugares sagrados ao invés de centros comuns.

Conclusão

De fato, o fundamentalismo, na atualidade, tornou-se um modo de pensar e uma prática que se torno quase globalmente particular ou local. Há, portanto, uma estreita relação entre o fundamentalismo protestante e os fundamentos atuais no que diz respeito a “uma composição de elementos [comuns, quais sejam,] políticos, morais, culturais, religiosos, baseados em determinada visão de mundo, que se voltam, de forma mais ou menos agressiva, contra tendências atuais, vistas como dissolutivas e decadentes” (MOREIRA, 2007, p. 1 - *grifos nossos*). Nesse sentido, os grupos fundamentalistas buscam, fazendo uma retomada ao passado, reconstruir antigas situações ou elementos, uma vez “que se sentem ameaçados em um mundo dominado por poderes malignos, em permanente atitude de conspiração contra o ‘inimigo’” (MOREIRA, 2007, p. 1).

A modernidade agiu como um solvente universal, afetando todas as esferas da vida e mobilizando todo o globo. Daí, de hoje em diante, nenhuma tradição religiosa pode se isolar. Nesse contexto, além de agir como um solvente universal, as forças liberais adquiriram importância simbólica e foi percebida, não só pelos fiéis, com uma grande ameaça, permitindo que, no advento da modernidade, surgisse o fundamentalismo contemporâneo.

A secularização representa um choque para muitas pessoas e este processo constitui a “origem” geral do fundamentalismo, na parte não ocidental, até certo ponto, foi misturada com um forte sentido de ameaça cultural externa com imperialismo cultural o que provocou a involuntária incorporação do povo no sistema mundial desencadeou novas iniquidades, movimento hostis ao “inimigo” da atraente cultura.

A busca por fundamentos é uma característica contingente da globalização e dos aspectos da cultura global. De acordo com Lechner (1998), fundamentalismo dentro dos limites funciona, mas esse tipo de fundamentalismo não deve ser considerado ou analisado. Resta-nos, afinal, uma pergunta aos sociólogos: até onde vão as práticas gerais das ciências sociais e seus estudos? Segundo Robertson (1998, p. 257), Geertz, como um dos mais prestigiosos antropólogos da modernidade, conhecido

pelos métodos interpretativos das Ciências Humanas, deve ser relido, pois tornou-se alguém importante em relação aos estudos locais como uma prática sutil, mas exigente para nossos dias. De acordo com o autor (ROBERTSON, s/d, p. 257), Geertz busca conceber a etnografia como uma espécie de texto e tratá-la como tal. Nos escritos deste autor, percebe-se uma crítica social e um apelo moral a uma espécie de “nativização” de si mesmo. Ou seja, convida aos etnógrafos a estar lá não, necessariamente, através de uma experiência de campo, mas estar lá, significa penetrar outra forma de vida, a fim de melhor compreendê-la.

Referências

- ACAT (orgs). *Fundamentalismo, integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. Trad. Marina Nunes Ribeiro Echalar. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, cristianismo e no islamismo*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Trad. José Maria de Almeida. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- LECHNER, Frank. Fundamentalism: origins and influence. In. TIJJSSEN et al. *The search for fundamentals: the process of modernisation and the quest for meaning*. USA, 1998.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. Trad. Euclides Martins, São Paulo: Paulinas, 1995.
- MOREIRA, Alberto. *Fundamentalismo religioso: aspectos históricos e conceituais: resumo esquemático*. Goiânia, 2007.
- RAMMINGER, M. Religião, fundamentalismo e modernidade. *Caminhos*. Revista do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 209-19, 2004.
- ROBERTSON, Roland. The Search for Fundamentals in Global Perspective. In. TIJJSSEN et al. *The Search for Fundamentals: the process of modernisation and the quest for meaning*. USA, 1998.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. Deus como emoção: origens históricas e teológicas do protestantismo evangelical. In. MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo brasileiro*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 81-110.

_____. O nascimento do racismo confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In. MENDONÇA, A. G. e VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo brasileiro*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 111-32.

VOLF, MirosLav. O desafio do fundamentalismo protestante. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 241, p. 125-40, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. Irene Szmrecsanyl, 14. ed., São Paulo: Pioneira, 1999.